



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO
JORNALISMO

MIKAELY DE SOUSA BATISTA

**LOURDES RAMALHO:
UM CONTO CONTADO POR ELA
RELATÓRIO FINAL DE DOCUMENTÁRIO**

CAMPINA GRANDE – PB

JULHO/2014

MIKAELY DE SOUSA BATISTA

**LOURDES RAMALHO:
UM CONTO CONTADO POR ELA
RELATÓRIO FINAL DE DOCUMENTÁRIO**

Relatório apresentado ao curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª M^a Agda Aquino

CAMPINAGRANDE – PB

JULHO/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B333I Batista, Mikaely de Sousa
Lourdes Ramalho [manuscrito] : um Conto Contado por ela -
Relatório final de Documentário / Mikaely de Sousa Batista. -
2014.

66 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Agda Patrícia Pontes de
Aquino, Departamento de Comunicação Social".

1. Lourdes Ramalho. 2. Dramaturgia. 3. Documentário. 4.
Cinema. I. Título.

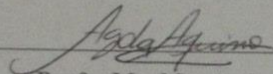
21. ed. CDD 791.431

MIKAELY DE SOUSA BATISTA

LOURDES RAMALHO: UM CONTO CONTADO POR ELA
RELATÓRIO FINAL DE DOCUMENTÁRIO

APROVADA EM 16 DE julho DE 2014.

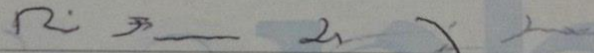
Comissão Examinadora



Prof. Ms. Ma. Agda Patrícia Pontes de Aquino

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

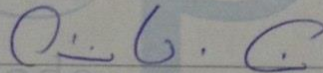
Orientadora



Prof. Esp. Rômulo Ferreira de Azevedo Filho

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

1º Examinador



Profa. Drª Cássia Lobão Assis

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

2ª Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (in memorian), por todo apoio aos meus estudos e pela vontade que tinha de ver sua única filha formada. À minha mãe, por estar me acompanhando nesta jornada durante os meus 21 anos de vida, por acreditar no meu potencial e principalmente por patrocinar todo este material a ser apresentado.

Ao meu marido, que sempre confiou no meu esforço e na minha dedicação e que durante meu último ano de Universidade esteve absolutamente presente nas minhas atividades e colaborou para a produção do documentário sendo “uma espécie de faz tudo”.

Ao meu filho, que ainda está dentro de meu ventre, e por ele, luto com todas as forças para conseguir apresentar meu TCC e terminar o último semestre a tempo.

Aos colegas de turma, que ausentes ou presentes, e com todas as diferenças que temos, chegamos juntos a conclusão de mais uma etapa de nossas vidas e que mesmo com os obstáculos que encontramos ao longo do caminho, continuamos na mesma caminhada e todos com o mesmo objetivo em comum.

Aos professores, que por muitas vezes foram mais que mestres de academia. Foram agentes determinantes na passagem dos saberes, agiram com paciência e cautela. Ensinavam, conversavam, aconselhavam...

A toda equipe do filme *Lourdes Ramalho: Um conto contado por ela*, que mesmo sem ter dinheiro para pagar aos envolvidos aceitaram fazer o trabalho, e fizeram bem feito.

À Secretaria Municipal de Cultura de Campina Grande e ao Teatro Municipal Severino Cabral, que apoiaram ao projeto.

À Dona Lourdes Ramalho e sua família, por ter me permitido entrar na vida da dramaturgia nordestina e fazer um documentário a seu respeito, mesmo sem gostar das câmeras.

À UEPB, onde fiz descobertas sobre o que eu gosto e quero fazer por toda minha vida.

A todas as pessoas presentes nesta fase da minha vida e que de forma direta ou indiretamente, me tornaram assim. A todos que contribuíram para a produção e realização deste documentário, sejam com palavras, gestos, equipamentos, mão de obra ou simplesmente um conselho.

RESUMO

Lourdes Ramalho: Um conto contado por ela apresenta a trajetória de vida de Maria de Lourdes Nunes Ramalho ao longo dos seus 90 anos de idade e contém apresentações de atores que sonham em realizar uma das extensas obras da conceituada e premiada dramaturga nordestina. O filme é uma produção midiática de 20 minutos onde a personagem principal conta em detalhes sua própria história enquanto é intercalada por apresentações artísticas de textos para teatro assinados por ela. Entendendo o propósito de debater e dar visibilidade a práticas culturais e experiências do povo do Sertão nordestino sem abandonar suas expressões de dramaturgia feminina, pretendemos com este documentário criar um acervo cultural para contribuir com o cinema paraibano e ser visto por milhares de pessoas nas telas de festivais, além de contribuir com o reconhecimento de Lourdes Ramalho como grande nome do teatro brasileiro. Este relatório descreve de forma detalhada todas as etapas de pré-produção, produção e pós-produção do documentário.

PALAVRAS-CHAVE: Lourdes Ramalho; Dramaturgia; Documentário; Cinema.

ABSTRACT

Lourdes Ramalho: A tale told by her presents the life course of Maria de Lourdes Nunes Ramalho along her 90 years of age and contains presentations of authors who yearn to perform one of the longest works of the awarded and dignified Northeastern playwright. The movie is a 20-minute media production where the main character tells her own history in details interchanged by artistic presentations of plays signed by her. Understanding the purpose of debating and giving visibility to cultural practices and experiences from Northeastern backland people without abandoning her female dramaturgy expressions, with this documentary we intend to create a cultural collection to contribute with Parahyban cinema and to be seen by thousands of people in festival screens, in addition to contributing with the acknowledgment of Lourdes Ramalho as a great name of Brazilian Theater. This report describes in a detailed form all stages of pre-production, production and post-production of the documentary.

KEYWORDS: Lourdes Ramalho; Dramaturgy; Documentary; Cinema.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira visita na casa de Lourdes Ramalho	27
Figura 2 – Livros autografados por Lourdes Ramalho	27
Figura 3 – Banner de um poema da dramaturga na parede do Centro Cultural Lourdes Ramalho	28
Figura 4 – Equipe do filme ao final do primeiro dia de gravações	29
Figura 5 – Atrizes Arly Arnaud e Camila Natasha repassando os textos.....	30
Figura 6 – Diretora de Arte Lizie Brunet maquiando a atriz Alana Fernandes.....	31
Figura 7 – Atriz Arly Arnaud lendo um texto de Lourdes Ramalho para a própria autora.....	31
Figura 8 – Arly e Lourdes com a diretora nos bastidores do teatro	32
Figura 9 – Bastidores da peça <i>A feira</i>	32
Figura 10 – Diretora de Arte Lizie Brunet maquiando o ator Jerbbson	33
Figura 11 – Arly Arnaud gravando canção acompanhada de Felipe Batista	34
Figura 12 – Gustavo Salles, platô do filme <i>O resgate do pavão misterioso</i> como nosso assistente de som	34
Figura 13 – Arly Arnaud gravando canção acompanhada do poeta Condor.....	35
Figura 14 – Diretora assistindo as imagens das gravações das músicas	35
Figura 15 – Diretora assistindo as imagens das gravações no teatro	36
Figura 16 – Lourdes Ramalho no teatro acompanhada de sua neta e bisneta	36
Figura 17 - Reunião da equipe sobre a iluminação no palco do teatro	37
Figura 18 – Diretora entrevistando Lourdes Ramalho em sua casa	37
Figura 19 – Diretor de Fotografia, João Carlos, na casa de Lourdes Ramalho.....	38
Figura 20 – Claquete do filme Lourdes Ramalho: Um conto contado por ela.....	38
Figura 21– Lourdes Ramalho lembrando e nos contando sua história	39
Figura 22– Lourdes Ramalho emocionada abraçando sua bisneta.....	39
Figura 23 – Lourdes Ramalho conta suas memórias ao Diretor de Som	40
Figura 24 – Equipe do teatro trabalhando na iluminação.....	40
Figura 25 – Diretora dialoga sobre o texto com a atriz Alana Fernandes	40
Figura 26– Cenário preparado para Lourdes no palco do teatro	41
Figura 27 – Gravação na Feira Central de Campina Grande	41
Figura 28 – Imagem da Feira Central.....	41
Figura 29 - Montador na ilha de edição	44
Figura 30 – Etapa de cortes com o roteiro ao lado.....	44

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – IDENTIDADE VISUAL DO FILME	47
ANEXO B – CORREÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL DO FILME	47
ANEXO C – ARTE GRÁFICA DO FILME	48
ANEXO D – IDEALIZAÇÕES DA LOGOMARCA DO FILME	49

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – ÚLTIMA VERSÃO DO ROTEIRO DO FILME	51
APÊNDICE B – GRAVAÇÕES - ORDEM DO DIA 23-01-2014	54
APÊNDICE C – GRAVAÇÕES - ORDEM DO DIA 24-01-2014	55
APÊNDICE D – GRAVAÇÕES - ORDEM DO DIA 25-01-2014	56
APÊNDICE E – MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM/VOZ	57
APÊNDICE F- MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DAS OBRAS.....	59
APÊNDICE G- MODELO DO TERMO DE REPONSABILIDADE DE GUARDA DAS IMAGENS BRUTAS	61
APÊNDICE H – OFÍCIO PARA A UTILIZAÇÃO DO TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL	62
APÊNDICE I – SOLICITAÇÃO DE APOIO DE ALIMENTAÇÃO E TRANSPORTE PARA A UEPB	63
APÊNDICE J – SOLICITAÇÃO DE APOIO DOS EQUIPAMENTOS PARA A UEPB	64
APÊNDICE L – SOLICITAÇÃO DE APOIO À SECRETARIA DE CULTURA DE CAMPINA GRANDE	65
APÊNDICE M–TABELA DE MINUTAGEM	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	15
2 DETALHAMENTO TÉCNICO	16
2.2 ORÇAMENTO PRELIMINAR	24
3 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	46
APÊNDICES	51

INTRODUÇÃO

O cinema ganhou um espaço incontestável no mercado, atingindo um público massivo e heterogêneo. A mistura de culturas e diversidade de temas denota uma forma inovadora de fazer a arte. Aliado ao conceito do fazer arte, partir para a realização e concretização desses fatos. Com base no estudo feito da vida da dramaturga Lourdes Ramalho, pode-se trazer para o audiovisual um pouco da sua história de anos vividos contado pela boca da própria Lourdes, tornando-se um acervo importante para a cultura brasileira, principalmente para o Nordeste. Fazer um documentário, onde a própria pessoa pode explicar seus atos, determinados momentos de sua vida e a importância de suas obras ou sua própria importância para a sociedade torna-se incontestavelmente uma obra rica e de grande porte para compor parte da história da pessoa estudada e que poderá ser usada durante anos e anos depois. Além disso, realizar o sonho de atores do cenário paraibano e potiguar em fazer uma obra escrita por Lourdes Ramalho nos palcos do Teatro Municipal Severino Cabral através de um audiovisual é algo inusitado e que chama a atenção por ser parte de pontos que ligam uma obra, uma vida, uma pessoa. Com tudo isso, nasce o documentário *Lourdes Ramalho: Um conto contado por ela*, onde as pessoas poderão conhecer mais sobre Lourdes, assistir suas peças encenadas por atores nordestinos, ouvir canções e ver imagens da feira de Campina Grande.

O Teatro Municipal Severino Cabral está localizado na cidade de Campina Grande, na Paraíba, Nordeste do Brasil. É considerado um ícone cultural, e um dos símbolos da cidade inaugurado no dia 30 de novembro de 1963 e construído por Severino Bezerra Cabral, na época prefeito de Campina e batizou o teatro com este nome. Com a necessidade de uma casa de espetáculos na região, os artistas enfrentaram a censura nos anos 60 durante o regime ditatorial e reivindicaram a construção de um teatro que eles tivessem seus trabalhos expostos para o público que até então só tinham acesso à sala dos cineteatros Capitólio e São José, hoje desativados na cidade. O teatro é localizado no centro da cidade, na Avenida Floriano Peixoto e foi escolhido para ser protagonizado no filme de Lourdes Ramalho por ter sido de grande importância na vida da dramaturga e ter inegável importância histórica, artística e patrimonial em Campina Grande. Lá, Lourdes Ramalho viveu suas primeiras obras e se emociona ao citar as vivências de sua mãe no palco deste teatro. Nele se encontra grande parte da felicidade vivida por mãe e filha, entre outros artistas campinenses, além de ser palco de eventos nacionais e regionais.

Lourdes Ramalho tem obra que guarda muitas reminiscências das suas origens que se situam numa civilização da oralidade. Em sua singularidade, Lourdes Ramalho coloca a prova seu imenso potencial de criatividade de uma pesquisa folclórica, política, social e humana envolvendo tipos como feirantes, cegos, cantadores, trambiqueiros, ingênuos, poetas e santos relacionando-os no trágico e no cômico. A originalidade da dramaturga e do seu teatro de cordel é um apelo ao teatro como forma de expressão e como projeto pedagógico para uma sociedade reconciliada com a palavra, segundo Francisco Salinas Portugal, escritor do prefácio do livro *A feira* de Lourdes Ramalho, encontrado no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal. Francisco Salinas nascido em Limia Baixa, Galiza, 1955, é professor Titular na Universidade da Coruña, primeiro como docente de língua portuguesa e posteriormente de literatura portuguesa e de literaturas de língua portuguesa.

Dona de uma forte relação com a cultura oral e sobre a posição da mulher em diversos contextos de criação-divulgação que é o teatro, Lourdes Ramalho desperta o desejo para ser o objeto de estudo de vários pesquisadores da área, como foi o caso de Valéria Andrade, especialista em geneologia - ciência auxiliar da história que estuda a origem, evolução e disseminação das famílias e respectivos sobrenomes ou apelidos. É também conhecida como "ciência da História da Família", pois tem como objetivo desvendar as origens das pessoas e famílias por intermédio do levantamento sistemático de seus antepassados ou descendentes, locais onde nasceram e viveram e seus relacionamentos inter-familiares.

O estudo de Valéria Andrade faz um percurso biográfico pela vida e pela obra de Lourdes Ramalho, autora que se insere numa “tradição dramática de autoria feminina”, nele referindo os antecedentes familiares da mãe, professora dedicada a uma importante actividade nas áreas de educação e da saúde, bem como da formação teatral, e que actua guiada pela doutrina espírita e peãs sabedorias da Ordem Rosacruz e da Cabala. Mas, a autoria deste prefácio insere Lourdes Ramalho na tradição brasileira das mulheres dramaturgas para situar o início da carreira dramática da autora em 1939. (RAMALHO, 2011, p.13)

O processo de escolha do tema surgiu do desejo de estudar e pesquisar sobre Lourdes Ramalho, ter a oportunidade de analisar um ícone de cultura dentro da cidade de Campina Grande e por representar tão bem a escrita de conteúdos de sua autoria, além do olhar dela em relação à posição da mulher em suas obras. Contribuindo com o

cinema paraibano, criar um acervo cultural da vida e obra de Maria de Lourdes Nunes Ramalho, uma das expressões mais significativas da nossa dramaturgia contemporânea de autoria feminina, para a cidade institui diretrizes com o papel da arte da realidade. Trazer para as pessoas um documentário contendo um pouco da história de sua vida contada por ela mesma, hoje com 90 anos de idade, vai além da soma de suas centenas de obras aos textos escritos para o palco até os reveladores de uma pesquisa estética acerca da ressignificação das raízes populares da cultura brasileira e, em particular, do Nordeste do país.

Busquei diversas realizações de Lourdes Ramalho, através de contatos prévios e pesquisas com ela e toda a família, para me debruçar sobre a cronologia de toda a sua história, baseada em fatos e versões verídicas de quem teve a oportunidade de conhecer e/ou conviver com a dramaturga. Vivenciei inúmeras experiências na área de cinema e estudei profissionais e pesquisadores da área, para criar um acervo cultural excepcional e popular procurando inserir o conhecimento proporcionado sobre o teatro de Lourdes Ramalho para a sociedade. Em 4 anos de Universidade fiz cursos de extensão voltados para a área cinematográfica, participei de festivais de audiovisuais, trabalhei nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2013 no Festival Audiovisual de Campina Grande “Comunicurtas” - que recebe vários nomes do cinema paraibano e nacional, exerci funções assistência, produção e continuidade em filmes de colegas, e no início do ano de 2014 fui contemplada no concurso “Revelando os Brasis” – o projeto consiste em moradores de pequenas cidades com até 20 mil habitantes inscreverem suas histórias para o concurso e os selecionados têm a oportunidade de estudar todas as etapas de uma produção audiovisual no Rio de Janeiro durante 15 dias. Esse ano foram 951 inscritos, na Paraíba foram contempladas duas histórias, inclusive a minha. Nessas aulas, consegui aprender um pouco mais sobre cinema, pois vivenciei um curso que foi composto por aulas de introdução à linguagem audiovisual, roteiro, direção, produção, fotografia, direção de arte, som, edição e finalização, pesquisa, mobilização, direitos autorais e comunicação colaborativa. Voltando do Rio com uma imensa bagagem para pôr em prática tudo que aprendi. Consegui uma experiência adequada com a intenção de desenvolver um produto midiático onde fui pesquisadora, roteirista, diretora e produtora. Ainda temos que levar em conta a reprodução do conteúdo escrito que quando levado ao cinema, as histórias deixam de lado a característica de serem contadas por um indivíduo de forma oral, ganhando uma forma simbólica mais sólida através de imagens e sons.

Produzir em gênero documental a vida e obra de Lourdes Ramalho demonstra meu desejo em atingir as mais variadas e diversas classes de pessoas. Este trabalho pretende atingir ao mais distinto público massivo, entre ricos e pobres, entendedores de cultura e quem não entende nada, quem conhece já conhece a obra de Lourdes e quem não sabe nada sobre ela, públicos de museus, teatros e festivais de cinema. Enfim, pretendemos com este trabalho atingir pessoas de mentes abertas a sempre conhecer mais e ficar informados sobre ícones importantes para a nossa história. Com isso, estarei analisando a perspectiva cultural do conteúdo abordado com relação à produção do audiovisual, correlacionando a importância da realização de um documentário com o conteúdo estudado, verificando a opinião do objeto de estudo - Lourdes Ramalho para entender a importância em ter como um acervo cultural um documentário sobre a vida e obra da dramaturga. Ao observar passo-a-passo a pré-produção, produção e pós-produção, mesmo com todas as dificuldades que encontrei ao longo do caminho, concretizo em respostas positivas as expectativas citadas e elaboradas diante do produto midiático exposto. Ainda ousou acrescentar, que tudo que vivenciei durante a produção do trabalho de conclusão de curso serviu de aprendizado para trabalhos futuros e que sem os contratemplos ocorridos ao longo deste processo eu não poderia afirmar aqui a minha capacidade em finalizar o curso com toda a capacidade e maturidade que estou hoje. Quero ainda deixar claro, que não me arrependo de nada que enfrentei para entregar este trabalho completo e que se preciso fosse, eu faria tudo de novo.

2 DETALHAMENTO TÉCNICO

Seguindo os estudos entre o que é cinema e o cinema na Paraíba, pode-se iniciar uma questão. Por que não fazer um documentário, sobre a vida e as obras de uma mulher importante para o Estado e que enfrentou várias situações de risco em prol da dramaturgia dentro das raízes nordestinas e sempre retratou em suas obras o valor da mulher, como uma figura batalhadora, forte, independente e que em sua concepção teatral reivindica para a mulher o lugar que a sociedade lhe deve? A partir dessa sugestão, foi desenvolvido o documentário *Lourdes Ramalho: Um conto contado por ela*. Maria de Lourdes Nunes Ramalho, mais conhecida como Lourdes Ramalho, nordestina, notadamente do Rio Grande do Norte e Paraíba, desde menina aprendeu a defender a terra e o povo que sempre foi integrante. Bisneta do repentista e poeta popular Hugolino Nunes Da Costa, sobrinha e prima de outros poetas, dramaturgos e cantadores populares, Lourdes não poderia deixar de se interessar por este tipo de cultura. Sua primeira obra foi nos tempos de escola, quando em uma festa de encerramento do ano letivo, ela escreveu em forma de comédia, a indignação com a precariedade da escola, a falta de professores qualificados e má alimentação, e transformou em cena a situação que vivia dentro do colégio interno, no Recife. Após levar à tona os problemas vivenciados pelos alunos dentro da escola, isso levou a um embate entre pais e mestres. Em seguida, a aluna-escritora, Lourdes Ramalho é expulsa da escola. São relatos da própria Lourdes Ramalho, que atualmente reside em Campina Grande e tem 90 anos. A centralização sobre uma produção em gênero documental da dramaturga surgiu do interesse em levar sua obra para o cinema, salientando a importância da realização de um arquivo que foram retratadas colocações sobre o acervo em vida e com 90 anos de história para serem estudados.

Produzir um documentário que tem como contexto um ícone da cultura e como propósito resgatar essas raízes e trazer para o âmbito social todo o conteúdo que deverá ser abordado, são propostas que tornaram o acervo mais dinâmico, além de levar um aprendizado específico, desenvolvendo uma visão crítica do público sobre os assuntos expostos. “A voz do documentarista contribui de maneira significativa para estruturar um projeto nacional e propor maneiras de agir”. (NICHOLS, 2007, p. 134)

Cada documentário tem sua voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma “natureza” própria, que funciona

como uma assinatura ou impressão digital. Ela atesta a individualidade do documentarista ou diretor, ou, às vezes, o poder de decisão de um patrocinador ou organização diretora. (NICHOLS, 2007, p. 135)

O conceito de cinema é amplo e, mesmo com leituras complexas, ao fim de cada livro ou tese, não é possível responder com precisão o que é cinema. Por trás de todo um pensamento complexo que envolve cinema, que é visto como uma máquina internacional da indústria, do comércio e controles cinematográficos, Jean-Claude Bernardet (1985) afirma que o cinema é apenas essa história que vimos na tela, de que gostamos ou não, cujas brigas ou lances amorosos nos emocionaram ou não.

O cinema mostra a capacidade de imposição da realidade e não importa se algo é fantasioso ou não, porque se torna real. Ilusório ou não, o cinema traz a oportunidade de viver ou de testemunhar uma cena que por algum empecilho não pudemos presenciar. O cinema persiste a morar dentro de nós, sendo uma reprodução da vida e uma produção em movimento.

A construção do cinema até os dias atuais, para ter a alicerce que tem hoje, passou por um processo de base sólida constituída de fatos e estudos advindos de cientistas e artistas para o fortalecimento desse meio.

Após a invenção da fotografia na metade do século XIX, os irmãos franceses Louis e August Lumière encontraram espaço para a criação do que viria a ser uma das mais importantes criações artísticas já existentes: o cinema. Ambos engenheiros, colaboravam com o pai, Antoine Lumière, que era fotógrafo e produtor de películas. Mas muito antes de sequer imaginarem uma ferramenta cultural como o cinema, técnicas semelhantes já eram utilizadas em outras culturas. Há sete mil anos, na China, sombras de marionetes ou de figuras recortadas eram projetadas em paredes. Leonardo Da Vinci, no século XV, realizava trabalhos com projeção de luzes em câmaras escuras. Cada um realizava a sua maneira e mais tarde, após unificar os conhecimentos e técnicos foi nascendo o cinema e se aprimorando anos mais tarde com o avanço da tecnologia.

Para Jean-Claude Bernardet (1985), um passo importante para a criação do cinema foi a concepção do praxinoscópio por Charles Émile Reynaud, objeto que consistia em uma espécie de tambor giratório com desenhos em seu interior, juntamente com espelhos. Quando o movimento giratório do tambor tinha início, os desenhos se

uniam e eram refletidos pelos espelhos, o que proporcionava a sensação de movimento. O cinetoscópio, criado por Thomas Edison, foi um dos últimos passos dados antes da criação do cinema. O cientista americano projetava diversos filmes em seu estúdio, incluindo *Black Maria*, considerado o primeiro filme do mundo. Em 1895, os irmãos Lumière aperfeiçoaram o cinetoscópio, e criam o cinematógrafo, que filmava, revelava e projetava ao mesmo tempo. No dia em que o cinema foi exibido ao público pela primeira vez, em 28 de dezembro de 1895, George Méliès procurou Lumière para adquirir um cinematógrafo e foi estimulado a desistir da ideia já que o aparelho serviria apenas para pesquisas. Porém, na mesma data, a exibição de um filme no espaço *Grand Café*, mostrou o quão esta máquina seria importante para a revolução de histórias que seriam repassadas de geração em geração. A impressão de realidade exibida no filme provocou a surpresa da plateia ao ver essa ilusão de verdade. Jean-Claud Bernardet (1985) ainda afirma, quem primeiro percebeu quão fantástico o cinema podia ser, tão real como a realidade, foi o mesmo Méliès.

Ao longo de adaptações e experiências foi criando um meio onde formaria uma grande indústria cultural – A definição de indústria cultural surgiu no final da década de 40 quando Theodoro W. Adorno e Max Horkheimer, pensadores da Escola de Frankfurt refugiados nos EUA em decorrência da Segunda Guerra Mundial, publicaram em 1947, o clássico *Dialética do Esclarecimento*. O uso do termo indústria cultural foi adotado a partir da publicação para substituir a expressão até então utilizada – cultura de massa (ADORNO, HORKHEIMER, 1947). Anos após anos, surgiu a realocação de todas as funções no cinema, descobrindo novos elementos de transformá-los. Com o passar do tempo, foi ganhando ruído, cor, perdendo o ruído e transformando em som e nasceu uma linguagem específica que permite reproduzir histórias até o ponto de tornar o cinema uma força de dominação comercial. O cinema tornou-se uma mercadoria de trabalho dominante e vem sendo comercializado densamente até os dias atuais. O cineasta soviético Dziga Vertov contribuiu para o desenvolvimento da montagem, e firmou sua marca na história do cinema quando deduziu que câmera deve estar em contato com o real e não com qualquer mentira para ser filmada.

Assim, Vertov voltou-se exclusivamente para o cinema documentário, através do qual ele buscava um ‘deciframento comunista’ do mundo. Começou a trabalhar em atualidades cinematográficas durante a revolução, quando as possibilidades de investir em cinema na URSS eram mais do que escassas. Usou materiais já filmados, de forma que

o seu trabalho era basicamente de montagem, novas significações a um material que não fora filmado especificamente para os filmes que ele fazia (trabalhos semelhantes foram feitos em Cuba depois da revolução). (BERNARDET, 1985, p.52)

Outras produções desenvolvidas nos últimos anos são as do cinema militante, em geral de curta metragem. Estão sendo desenvolvidos filmes de cineastas que trabalham em movimentos específicos através de editais ou produções independentes com captação de recursos. Foram os acontecimentos voltados para questões operárias (greves, ocupações de fábricas, autogestão), questões feministas, reivindicações regionais, grupos de velhos, movimentos de libertação homossexual, movimentos ecológicos e movimentos de moradores de bairros em maio de 1968 que impulsionaram este cinema que mais se desenvolveu na Argentina e retardatariamente foi sendo deliberado para outros países, como o Brasil e posteriormente foi percorrendo seu território. “Em diversos países latino-americanos, o cinema militante conheceu florescimento nas épocas mais liberais.”(BERNARDET, 1985)

Não só estes filmes supõem meios de produção e métodos de trabalho totalmente diferentes do cinema-mercadoria, como também supõem circuitos de exibição e relação com os espectadores diferentes dos que conhecemos habitualmente. Nos últimos vinte anos, desenvolveram-se novos circuitos de cinema, conhecidos como mercado paralelo ou circuitos alternativos, tanto na Europa como nos Estados Unidos e América Latina. Eles são formados não só por cinematecas, cineclubes e museus, mas também casas de cultura, sindicatos, escolas, universidades, associações de bairros, igrejas, hospitais, etc. Tais circuitos, onde se veem filmes militantes, filmes experimentais, filmes antigos, são de fundamental importância, porque eles escapam ao controle das produtoras, distribuidoras e exibidoras comerciais. (BERNARDET, 1985, p. 116)

De acordo com Wills Leal (1985), no Estado da Paraíba, o cinema ganhou espaço em João Pessoa, em meados dos anos 10, nos centros residenciais, com exceção do Ponto de Cem Réis. Logo, foi surgindo diversos cinemas que foram estabelecidos em bairros de classe média e que tinham filmes destinados para o tipo de público que frequentava o local. Registra-se ainda, que em João Pessoa existiram cinemas de vida curta e instalações precárias, como o *Caramuru* e *Bela Vista*. O comendador Einar Svendsen foi o personagem mais importante na implantação e desenvolvimento das casas de exibição cinematográficas. Falecido no ano de 1968, ele foi responsável pela

inauguração de filmes de outras nacionalidades, além de expandir os cinemas em outras cidades da Paraíba.

Em Campina Grande, já então a segunda cidade mais importante do Estado, segundo relato do historiador William Tejo, as casas de espetáculo onde se exibiam filmes, eram também teatros. Segundo suas pesquisas, o primeiro cinema instalado em Campina Grande foi o 'Cine Brasil', que teve a duração de apenas um ano, funcionando no então Grêmio da Instrução, onde funciona atualmente o Colégio Alfredo Dantas. A cidade já era um significativo centro comercial e sua vida social era intensa, pois o carnaval que realizou, segundo jornais a época, foi 'dos mais animados'. (LEAL, 1989, p.54)

Um dos diretores mais premiados na Paraíba, Marcus Vilar, é um dos cineastas mais ativos do grupo que trabalhava muito nesta área no ano de 1986. Marcus Vilar é paraibano de Campina Grande e tem formação em Cinema Direto, no Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba (Nudoc/UFPB) no ano de 1982 e na Associação Varan em Paris nos anos de 1985 e 1986. Seus primeiros trabalhos realizados foram *24 Horas* e *Sertão*, e até os dias de hoje Marcus Vilar vem dando sua contribuição para o audiovisual paraibano, com novos filmes, lutando pelo crescimento do cinema através de projetos e distribuindo seu conhecimento ministrando oficinas sobre O Processo da Realização Cinematográfica.

Ele que documentou todo o movimento das diretas no estado, fez filme sobre o Festival de Arte realizado em João Pessoa, documentou uma feira de caprinos, fez o longa-metragem *O Senhor do Castelo* de 72 minutos sobre a vida do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna, continua mobilizando o cinema paraibano e sendo reconhecido pelo artista que foi consagrado nacionalmente, discutindo vertentes em que enquadram na evolução da área cinematográfica no estado. Marcus Vilar também atua no desenvolvimento de ações de extensão cultural e produções audiovisual colaborando com o crescimento do cinema na Paraíba. Considerado um dos nomes mais influentes do cinema regional, Marcus Vilar é reconhecido e premiado em todo Brasil e no exterior e coleciona inúmeros trabalhos de sucesso durante sua jornada, como *A Canga*, *Jogo de Olhar*, *O Meio do Mundo*, e *O Terceiro Velho*.

Não posso deixar de destacar a semelhança entre Marcus Vilar e eu para a escolha do Diretor de Fotografia nos nossos filmes. Nos trabalhos de Marcus Vilar, o nome mais cogitado é o de João Carlos Beltrão para fazer a fotografia de seus filmes.

Assim como neste filme, o primeiro nome que veio à mente foi o de João Carlos Beltrão, por admiração aos seus trabalhos e pelas oficinas nas áreas de fotografias que já assisti ministradas pelo diretor. Nome bastante procurado no audiovisual paraibano e que concordou em fazer a fotografia do curta *Lourdes Ramalho: Um conto contado por ela* gratuitamente. João Carlos Beltrão é natural de João pessoa e criado no brejo paraibano em Alagoa Grande, especializado na captação de imagens vídeográficas e cinematográficas e atua como diretor de fotografia. Já foi homenageado na quinta edição do Comunicurtas¹, no ano de 2010, por ser ampla referência para a nova geração de cineastas paraibanos e na ocasião recebeu o prêmio Machado Bittencourt em reconhecimento a sua obra e pela contribuição que tem dado ao audiovisual no Estado.

A Paraíba vive uma ascensão do audiovisual, que foi possibilitada devido ao desenvolvimento de cursos na área cinematográfica e cursos para atores, além da segmentação de festivais audiovisuais realizados no Estado. Os festivais são uma ponte de conhecimento entre quem sabe sobre cinema e quem quer aprender a se desenvolver dentro da área. Na oitava edição do Festival Audiovisual de Campina Grande, que aconteceu no ano de 2013, o cineasta Marcus Vilar, revolucionário no crescimento do audiovisual paraibano, teve sua produção mais recente, *O Terceiro Velho*, premiada por seis vezes na Mostra Tropeiros da Borborema de curtas metragens. O Comunicurtas procura abrir portas para novos cineastas através de oficinas, debates, premiação e a oportunidade de exibição de filmes em categorias como: Mostra Competitiva Tropeiros da Borborema (são aceitos filmes produzidos por realizadores naturalizados paraibanos, filmes rodados na Paraíba de até 20 minutos); Mostra Competitiva Brasil (para trabalhos de até 20 minutos produzidos em qualquer estado do país); Mostra Competitiva Estalo (para trabalhos de até um minuto de duração produzidos por realizadores naturalizados paraibanos); Mostra Competitiva A ideia é... (aberta a todos os profissionais, estudantes e agências publicitárias da Paraíba); Mostra Competitiva Tropeiros do Telejornalismo (são aceitas tele-reportagens com até 5 minutos de duração, abordando qualquer conteúdo).

AUDIVISUAL: Adjetivo e, no mais das vezes, substantivo, que designa de modo bem vago as obras que mobilizam, a um só tempo, imagens e sons, seus meios de produção e as indústrias ou artesanatos que as produzem. O cinema é, por natureza, audiovisual; ele procede

¹ Festival Audiovisual de Campina Grande. Disponível em: <www.comunicurtas.com.br>, acesso em 25 de junho de 2014.

de indústrias do audiovisual. Todavia, esse não é o seu caráter mais singular, nem o mais interessante. Do ponto de vista teórico, esse termo serviu para confundir. E a teoria, a princípio, se empenhou em contestá-lo e torná-lo claro. (AUMONT, 2010, p.25)

Lourdes Ramalho: Um conto contado por ela é um filme de curta metragem do gênero documentário cinematográfico com duração de 20 minutos. O produto foi desenvolvido a cerca de estudos realizados sobre a vida e obra da dramaturga. A temática gira em torno da importância de Lourdes Ramalho para o cenário cultural nacional, principalmente o nordestino, o qual ela considera o estado mais importante do país, e sobre suas obras de denúncias e que a mulher tem papel fundamental em suas expressões.

A narrativa baseia-se em imagens de Lourdes Ramalho na sua casa, onde ela fala pontos importantes de sua história e se sente à vontade para conversar com a equipe sobre o que passou ao longo de sua vida. Durante as entrevistas Dona Lourdes detalha a infância e adolescência, sua admiração pelos judeus, seu casamento, suas peças e seu envolvimento com pessoas mais pobres. Após assistir as gravações fizemos vários cortes ao longo da quantidade de material bruto que tínhamos para poder obter o curta metragem. São feitas outras imagens da dramaturga no Teatro Municipal Severino Cabral, ambiente escolhido por ser devotado por Lourdes Ramalho. Lá ela viveu momentos preciosos de sua carreira ao lado de sua mãe, o que tornou mais fácil arrancar grandes expressões do rosto dela, sendo que percebia claramente a emoção ao contar mais detalhes da sua vida naquele palco. Além disso, atores como Arly Arnaud, Alana Fernandes, Camila Natasha, Jerbbson dos Santos e Batista encenam quatro peças de Lourdes Ramalho no palco do teatro para a dramaturga de 90 anos assistir e avaliar os atores em cena.

Ainda foram selecionadas canções escritas por Lourdes Ramalho e interpretadas pela atriz Arly Arnaud, filha de uma grande atriz da primeira companhia de teatro de Lourdes Ramalho, acompanhado por Felipe Batista no violão e Poeta Condor no pandeiro, tendo como fundo, imagens da feira central de Campina Grande, na qual, *A feira* é uma grande obra da dramaturga e no documentário é encenada por Arly Arnaud e Camila Natasha.

Não foi necessário utilizar pessoas depoentes sobre Lourdes Ramalho. No filme, a própria Lourdes traz depoimentos sobre sua trajetória. Preferi enriquecer o

documentário desta forma, uma vez que o meu objeto de estudo está vivo e lúcido para contar sua história, mudando o padrão de outras pessoas contarem sobre Lourdes Ramalho, preferi que a própria contasse sua versão dos fatos. Um método não tão clássico, mas usado por cineastas que pretendem mostrar outros olhares dentro da forma de fazer cinema. Usamos a *voz off*² em um trecho do filme, quando Lourdes Ramalho conta alguns fatos sobre Campina Grande e ao invés de aparecer seu rosto, colocamos imagens da Feira Central de Campina Grande como fundo da cena. Não foi utilizado em nenhum momento o recurso *voz over*³, pois o contínuismo do filme estava adequado com a cronologia e não havia necessidade de outra pessoa narrar à história. Meu padrão não é o clássico. Gosto da mistura e do inusitado, para fazer a diferença no final do filme.

O roteiro do filme tinha estrutura definida, mas ao longo das gravações foram adaptadas novas perguntas e curiosidades da entrevistada, o que é normal em documentário, onde por vezes os acontecimentos são incertos e abertos. Seguindo o roteiro e a ordem dos dias para as gravações, tivemos uma redução no tempo e não houve perda alguma de material, pelo contrário, captamos horas extras de gravações para serem escolhidas na hora da montagem. Não ocorreram problemas no áudio e nem na fotografia, pois na hora da gravação, o som foi testado várias vezes e feitos vários enquadramentos para possíveis decisões e mudanças.

A edição foi baseada na estrutura do roteiro, na conversa prévia com o editor e na decupagem⁴ do material. Aliado a isso, foram horas no estúdio com o editor para regular plano a plano. As dúvidas surgiram na hora de intercalar as cenas de Lourdes Ramalho e as cenas dos atores, mas depois de rever o material por diversas vezes, as decisões acabaram vindo à tona. Outra etapa difícil na edição foi o apego ao material, sendo que estava sem coragem de realizar os cortes, pois considerava tudo importante para o filme. Nesta eterna briga entre diretor e editor surgiram os mais de 5 cortes, etapa fundamental para tornar o filme em um curta metragem e definir um tempo de duração para o documentário.

² A *voz off* é usada quando sabemos quem é o personagem que fala, mas ele não aparece na cena.

³ A *voz over* está fora do mundo das imagens, acontece quando um personagem ou narrador que não está em cena fala.

⁴ É uma das principais etapas na montagem de um filme, o processo consiste na escolha da imagem mais adequada a cada palavra, frase ou parágrafo do roteiro.

Outro recurso utilizado na montagem da atmosfera do filme foi a trilha sonora, que é composta por músicas animadas, e foram escaladas das obras de Lourdes Ramalho. Como o acervo de Lourdes Ramalho é abundante e as suas obras são completas, optei por usar apenas as músicas escritas por ela para compor o fundo musical do filme. As músicas eufóricas quebram o clima de contação de histórias e fazem com que o espectador vivencie a cena a qual está assistindo.

2.2 ORÇAMENTO PRELIMINAR

Descrição	Quantidade	Unidade	Valor
Produtor Executivo	2	Cachê	Grátis
Produtor	2	Cachê	Grátis
Assistente de produção	1	Cachê	Grátis
Diretor de Fotografia	1	Cachê	Grátis
Assistente de Fotografia	1	Cachê	Grátis
Diretor de Som	1	Cachê	Grátis
Assistente de Som	1	Cachê	Grátis
Diretora de arte	1	Cachê	Grátis
Still	1	Cachê	Grátis
Making of	1	Cachê	Grátis
Editor	1	Cachê	Grátis
Finalização	3	Cachê	Grátis
Atores	5	Cachê	Grátis
Equipamentos		Locação	Grátis
Alimentação - equipe			Grátis
Alimentação - set			R\$ 84,00
Transportes			R\$ 200,00
HD externo	1		R\$ 330,00
Verba Produção			R\$ 400,00
Teatro	1	Locação	Grátis
Pós-Produção			R\$ 397,00
Identidade Visual			Grátis
Arte Gráfica			Grátis

3 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

Quando entrei no curso não tinha em mente o quão longe iria crescer enquanto pessoa, enquanto profissional. Ao longo do tempo, fui dando conta que mais do que ficar em uma bancada de telejornal, que foi a minha primeira intenção ao entrar no curso, eu queria viver todos os tipos de experiência. Participei de congressos, fiz cursos de extensão, fui voluntária em trabalhos acadêmicos, participei de eleições estudantis, mobilizava minha turma, fiz diagramação de revistas, fui produtora na elaboração de revista de moda, participei de telejornais acadêmicos, fiz estágios na área de assessoria de imprensa e marketing, participei de festivais de cinema. Mas isso não bastava, nunca bastava. Eu sempre queria mais. Queria descobrir o que fazer no TCC, que era a minha maior indecisão ou talvez indecisão sem fim. Mas teve fim. Em agosto de 2013, após acabar a 8ª edição do Festival de Cinema de Campina Grande, eu conversava com o cineasta e coordenador do Festival, André da Costa Pinto, e dava meu primeiro passo ao tão falado e temido TCC. Estava decidido, que queria realizar um produto midiático e já sabia o tema. A partir daí, tudo foi se tornando mais fácil, ou então eu achei que se tornaria mais fácil.

Em setembro, ficou pronto o projeto. Iria realizar um documentário sobre a vida e obra de Lourdes Ramalho. Fiquei sabendo sobre a existência e importância de Lourdes Ramalho para a cultura em maio de 2013. Após insistir muito, consegui que André da Costa Pinto, meu professor de audiovisual no curso de extensão realizado pela UEPB nos anos de 2010/2011, me levasse para conhecer a famosa dramaturga. Chegando a sua casa no dia, 12 de julho de 2013 e conversando com ela sobre os mais variados temas, me encantei sobre sua história de vida. Ganhei livros autografados por ela, e cada vez mais minha vontade de estudá-la, aumentava. Mergulhei em pesquisas sobre suas obras com Luana Ramalho, neta e atual diretora do Centro Cultural que leva seu nome, para me aprofundar nos temas e possibilitar a realização do meu projeto.

Figura 1 – Primeira visita na casa de Lourdes Ramalho



Foto: Camila Natasha, 2013.

Figura 2 – Livros autografados por Lourdes Ramalho

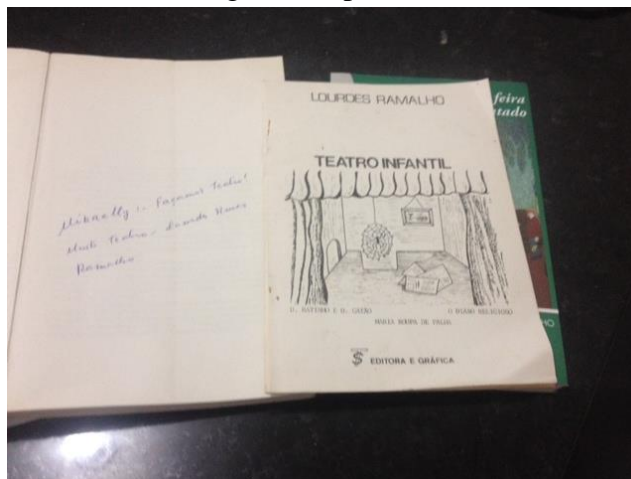


Foto: Mikaely Batista, 2013.

Após mais uma visita a Luana Ramalho, no Centro Cultural Lourdes Ramalho, no dia 19 de novembro de 2013, consegui a permissão para a gravação do documentário de Lourdes Ramalho, que seria um marco para o acervo cultural de Campina Grande. Porém tudo deveria ser feito com muita cautela, já que o alvo direto do documentário tem 90 anos de idade e precisaria de pessoas da família por perto para autorizar qualquer ato ou locomoção.

Figura 3 – Banner de um poema da dramaturga na parede do Centro Cultural Lourdes Ramalho

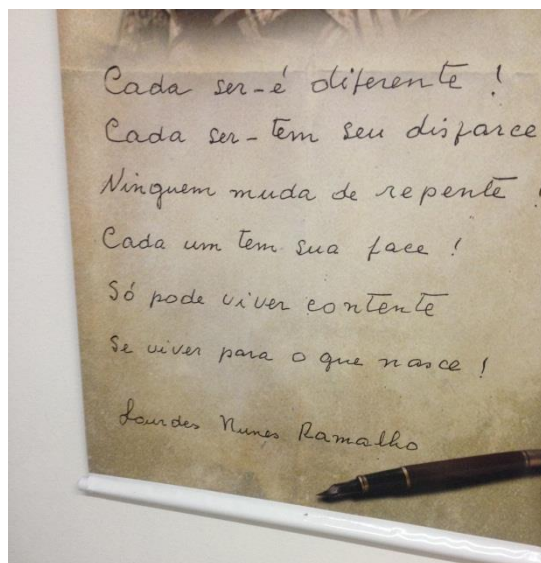


Foto: Mikaely Batista, 2013.

Foi dada a largada. Comecei a enviar a solicitação de equipamentos para o departamento de comunicação da UEPB e para o Chefe do CCSA, mas não consegui nada. Solicitei técnicos para o filme, mas também foi negado. O medo de tudo dar errado tomava conta de mim e eu já estava perdida. Mas como sempre surge uma luz, decidi não parar e continuar tentando. Como tinha contatos de filmes anteriores, comecei a explicar a todos sobre o meu projeto e a necessidade da realização deste documentário para o cenário cultural. Para minha surpresa consegui os melhores profissionais da área na Paraíba e tudo de graça. Fui à cidade de João Pessoa atrás do diretor de fotografia João Carlos Beltrão e a resposta foi sim. Outras respostas positivas também vieram do diretor de som César Ricardo, diretora de arte Lizie Brunet, produtor executivo Emanuel Dias, dos assistentes Davis Josino e Luiz Henrique e de Júnior Oliveira como assistente de produção e Nathan Cirino na edição. Além da mão de obra, expliquei a situação. O filme seria gravado em janeiro (período de férias) devido ao tempo de Lourdes Ramalho e em decorrência a isso, eu não tinha equipamentos. Questão de tempo, tudo seria solucionado o mais breve possível. Consegui equipamentos de João Carlos, César Ricardo, André da Costa, e até um HD de Camila Natasha, enquanto não conseguia dinheiro para comprar o meu HD externo. Lembrando que, as autorizações e afins estão disponibilizadas nos anexos e apêndices do relatório.

Para fazer o *making of* e *still*⁵ do filme também pedi ajuda a alguns colegas do curso de comunicação, que estavam presentes e confiantes no trabalho. Marcicleide Pereira e Antônio Andrade, ambos graduandos de comunicação do 7º e 4º período e residentes na cidade vizinha de Lagoa Seca, aceitaram se deslocar até Campina Grande em 2 dos 3 dias de gravações para fazer respectivamente, o *making of* e *still*, do documentário. Como não possuíam câmeras fotográficas tive que pedir ajuda mais uma vez, e conseguir a ajuda, claro. Peguei emprestada uma Canon EOS 5D Mark II com André Pinto para o *still*, como é uma câmera mais sofisticada e profissional, e reservei a outra câmera Sony DSC-HX1 que pedi emprestada a Henriete Valéria, que cursa comunicação comigo, para fazer o *making of*. Antes de contatar Marcicleide, havia falado com Henriete para fazer o *making of*, porém ela não podia fazer o trabalho nas datas solicitadas, mas podia emprestar a câmera para outra pessoa realizar. Os fotógrafos de *making of* e *still* fizeram um trabalho muito bacana e deixaram o *set* de filmagens mais leve. O resultado ficou incrível e as fotografias dos meus dois parceiros foi bem aceita, vista e elogiada. Algumas das imagens feitas por eles são disponibilizadas ao longo deste relatório.

Figura 4 – Equipe do filme ao final do primeiro dia de gravações



Foto: Emanuel Dias, 2014.

Resolvidos estes impasses, no dia 12 de dezembro de 2013 terminei a primeira versão do roteiro do filme. Depois das revisões vieram a 2ª e 3ª versões nos dias 16 e 17 de dezembro, respectivamente. Com o roteiro em mãos, bastava apenas procurar solucionar alguns problemas de produções como transporte, hospedagem, alimentação e

⁵ É um termo que se refere à fotografia de temas inanimados, sem movimento. O *still* de cinema é um profissional que acompanha as filmagens para produzir fotos que serão utilizadas para a divulgação do trabalho.

aluguel do Teatro. Solicitações negadas pela UEPB novamente e mais uma vez era hora de buscar apoio extra. No dia 15 de dezembro exatamente às 00:06 hrs eu deixava uma mensagem no Facebook⁶ da Secretária de Cultura de Campina Grande, Marlene Alves, para me apoiar no filme. E a resposta foi: “Venha até a Secretaria no dia 17 pela manhã, que conversaremos sobre seu projeto.” Não teve outra, dia 17 (terça-feira) lá estava eu com o projeto em mãos, das 07:00 até 10:56 hrs esperando um horário para ser atendida. Quando entrei na sala para conversar com Marlene Alves ela garantiu a alimentação e a utilização do Teatro e dos recursos. Consegui também a presença dos atores no documentário, mesmo sem conhecer quase nenhum. A hospedagem já estava certa, quem precisasse de hospedagem ficaria no meu apartamento. Mas ainda faltavam os transportes e os gastos de produção, que foi todo financiado pela minha mãe.

Figura 5 – Atrizes Arly Arnaud e Camila Natasha repassando os textos



Foto: Antônio Andrade, 2014.

⁶É uma rede social gratuita que permite o relacionamento com amigos e/ou conhecer novas pessoas para compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. Disponível em: <www.facebook.com>, acesso em 08 de julho de 2014.

Figura 6 – Diretora de Arte Lizie Brunet maquiando a atriz Alana Fernandes



Foto: Marcicleide Pereira, 2014.

Figura 7 – Atriz Arly Arnaud lendo um texto de Lourdes Ramalho para a própria autora



Foto: Antônio Andrade, 2014.

Figura 8 – Arly e Lourdes com a diretora nos bastidores do teatro



Foto: Antônio Andrade, 2014.

Figura 9 – Bastidores da peça *A feira*



Foto: Antônio Andrade, 2014.

Figura 10 – Diretora de Arte Lizie Brunet maquiando o ator Jerbbson



Foto: Marcicleide Pereira, 2014.

Contando os dias para a gravação, chegamos então até o tão aguardado dia. Era quinta-feira 23 de janeiro de 2014, o primeiro dia de gravação aconteceu a gravação com Lourdes na sua casa, ambiente íntimo e que a entrevistada ficaria à vontade. No dia 24 (quinta-feira) aconteceu a gravação no Teatro Municipal Severino Cabral, Dona Lourdes foi acompanhada da neta Luana Ramalho e da bisneta para a gravação no período da tarde por causa de descanso e as gravações ocorreram bem. No período da manhã foi realizada a gravação das suas obras com os atores. No sábado, dia 25, a equipe se deslocou até a feira central de Campina Grande para a captura de imagens adicionais para filme. Ainda faltava gravar as músicas, e para gravá-las, foi necessário outro dia extra, marcar um encontro com Arly Arnaud, Luiz Henrique, um colega, que nesse dia foi Diretor de Fotografia e de Som, e com meu marido Júnior Oliveira que foi o Assistente de Produção. O engraçado de tudo isso, foi que Arly seria atriz de outro filme que estaria rodando na cidade no dia 27 de janeiro (segunda-feira) e teríamos que ir atrás dela no *set* de gravações desse filme. A equipe do filme *O resgate do pavão Misterioso* foi ótima conosco e permitiu que o restante das gravações do documentário fossem realizadas no local onde estaria acontecendo a gravação do filme deles. Fomos ao Campus de Direito da Universidade Estadual da Paraíba, *set* de gravações do filme e gravamos com Arly as canções que faltavam para completar a ambientação do documentário. Sempre surgia uma nova ideia, ou alguém queria ajudar, sendo assim, Arly dava novas sugestões, e ao começar a gravar as canções ela sugeriu que chamássemos Felipe Batista, talentoso e de sua confiança para acompanhá-la no violão.

Então, ligamos para ele, pagamos um moto-táxi e Felipe veio correndo para a gravação. Para completar, ela disse que precisava de outro acompanhante, e sugeriu uma outra pessoa. Ligamos para o poeta Condor, que concordou rapidamente com a ideia e veio correndo para o *set*. Com o arranjo feito e atriz pronta, as canções para o filme foram um sucesso. E nem preciso dizer que o *set* ficou uma animação só. A sintonia da equipe dos dois filmes foi tão incrível que se mobilizaram e ajudaram a minha equipe em alguns detalhes e que chegando ao final da última etapa de gravações do filme de Lourdes, eu e meu assistente de produção fomos convidados para fazer a figuração no filme *O resgate do pavão Misterioso*. O resultado de tudo isso foi positivo para ajudar na evolução do audiovisual campinense, mostrando o interesse por cinema que os paraibanos trazem na veia.

Figura 11 – Arly Arnaud gravando canção acompanhada de Felipe Batista



Foto: Mikaely Batista, 2014.

Figura 12 – Gustavo Salles, platô do filme *O resgate do pavão misterioso* como nosso assistente de som



Foto: Mikaely Batista, 2014.